



MONUMENTOS MEGALÍTICOS
DE OLIVEIRA DO HOSPITAL

CRENÇA NA ETERNIDADE







MENSAGEM DO PRESIDENTE

UM CONCELHO COM HISTÓRIA É UM CONCELHO COM FUTURO

Consciente do papel primordial que o património reveste na sociedade actual, é fundamental atentar que o binómio História e Arqueologia detém hoje o papel de redescobrir o nosso passado histórico, reescrevendo-o e atraindo novos públicos que o possam fruir tendo por base um turismo dinâmico e sustentável.

Oliveira do Hospital é um concelho rico em património de várias épocas históricas, sendo que nesta publicação é o megalitismo que colocamos mais em destaque.

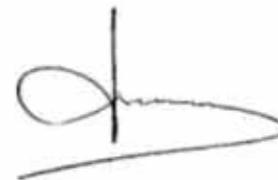
Dispomos de quatro monumentos megalíticos, testemunhos arqueológicos que os nossos antepassados nos legaram há cerca de seis mil anos: o Dólmen de Bobadela ou da Coitena (freguesia de Bobadela), a Anta da Cavada (freguesia de Ervedal da Beira), o Dólmen de Seixo da Beira ou Arcainha e o Dólmen da Sobreda ou Curral dos Mouros (freguesia de Seixo da Beira). O conhecimento, a conservação, o restauro, a

divulgação e o usufruir do nosso património é um processo em que todos devemos participar sem que ninguém se deva excluir.

Para tanto, devemos potenciar o turismo no nosso concelho, conservando e divulgando o nosso património, bem como proporcionar às novas gerações, às comunidades educativas e a todos os demais públicos a possibilidade de visitas de campo temáticas que façam renascer a curiosidade por estas matérias.

Em súpula, acredito nos benefícios que o património histórico/arqueológico nos pode oferecer através do lazer, do turismo e da educação. Compete a cada um de nós participar na efectiva conservação e difusão dos bens culturais, tangíveis e intangíveis, de que somos fiéis depositários das gerações que nos precederam.

O Presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital
Dr. Mário Américo Franco Alves



INTRODUÇÃO

O Município de Oliveira do Hospital, atento à necessidade da reabilitação do seu passado histórico, tem vindo a implementar a recuperação e promoção de alguns dos elementos patrimoniais mais monumentais e significativos do concelho, merecendo particular destaque o conjunto de monumentos funerários com vários milhares de anos ainda bem preservadas na região. Uma atitude que certamente virá ao encontro do público em geral, cada vez mais ávido pela cultura do ócio, do aumento do tempo livre e da vontade de viajar calmamente pela natureza, cultivando-se e obtendo documentos escritos que complementem com a visita a sítios arqueológicos devidamente recuperados e limpos.

A curto prazo, e complementado por uma rede de percursos pedestres, poder-se-á propiciar a todo aquele que por aqui reside ou queira permanecer alguns dias a possibilidade de viajar calmamente no Tempo, contemplando sepulturas com cerca de 6.000 anos e outras marcas humanas mais recentes, nomeadamente as deixadas pelos Romanos há cerca de 2.000 anos na actual povoação de Bobadela.

Ciente deste desafio, e por meados de 2007, o Município de Oliveira do Hospital solicitou à firma ARQUEOHOJE a implementação de um circuito turístico megalítico recorrendo-se para o efeito à escavação, restauro e valorização do Dólmen do Seixo da Beira e da Anta da Cavada (Fiais do Ervedal), bem como a limpeza e recuperação pontual do Dólmen da Sobreda e o de Bobadela. Elementos patrimoniais de invulgar interesse regional e nacional cujas estruturas internas, de grandes dimensões, jaziam instáveis e fragmentadas, em acentuado estado de degradação e votadas ao abandono, sem a promoção cultural que lhes era devida.

Como complemento às acções de campo, e no que concerne à divulgação, dá-se à estampa a presente brochura, convidando-se o leitor a uma viagem no Tempo por quatro dos monumentos funerários mais antigos do concelho. Uma viagem ilustrada por um conjunto de registos fotográficos alusivos à progressão dos trabalhos de escavação e restauro a par de um texto que, sem perder o rigor científico, seja facilmente compreendido pela população em geral, despertando-se a importância da preservação dos nossos testemunhos do Passado.







O AMBIENTE

O concelho de Oliveira do Hospital, situado nas faldas da Serra da Estrela no extremo Norte do distrito de Coimbra, encontra-se integrado na enorme plataforma que serve de bacia hidrográfica ao Rio Mondego e seus afluentes, entre os quais se destaca o Alva.

A proliferação de água e as largas manchas de solos férteis fazem desta região uma zona privilegiada em termos agrícolas. As abundantes pastagens convidam à criação de gado, sendo esta, até tempos recentes, uma das actividades económicas mais importantes do concelho. Os grandes rebanhos, hoje quase desaparecidos, dominavam estas paragens durante o Inverno, congregando-se num só que no Verão rumava para a Serra da Estrela, onde permanecia até chegar o tempo mais frio. Esta prática da transumância, hoje praticamente só relembrada na memória dos mais velhos ou em estudos etnográficos, poderá ter tido origem nas primeiras comunidades de pastores que, há cerca de 6.000 anos, por aqui deambularam.

AS COMUNIDADES CONSTRUTORAS

Nos finais do Vº milénio antes do nascimento de Cristo (a.C.), assiste-se ao advento de pequenas comunidades de pastores que tinham já iniciado as práticas agrícolas, embora essas fossem ainda muito incipientes. A sua dieta era complementada com alimentos que provinham de actividades paralelas como a caça, a pesca e a recolção dos recursos vegetais fornecidos pela natureza.

A debilidade da agricultura que praticavam, bem como o facto dos recursos naturais ao dispor se esgotarem ao fim de um curto tempo de exploração, obrigava estes grupos com poucas dezenas de pessoas, muito provavelmente ligadas por laços de parentesco, a mudarem periodicamente de território. O cariz marcadamente semi-nómada destas populações reflecte-se directamente nos seus habitats, aproveitando os abrigos naturais ou precárias estruturas feitas à base de materiais vegetais que, por si só, demonstram já a ocupação temporária da actual área administrativa do concelho de Oliveira do Hospital.

Ainda longe de dominarem o uso dos metais, serviam-se essencialmente da pedra, madeira ou osso para fabricarem os seus instrumentos.



Entre outros, refiram-se as mós manuais utilizadas na trituração de leguminosas ou cereais, os machados, as enxós e as goivas (relacionados com a desflorestação, trabalho da madeira ou lides agrícolas), as facas, os micrólitos e as pontas de seta (associadas à caça com arco e flecha, desmancho e corte de carne, vegetais ou outro tipo de alimentação), os recipientes cerâmicos e ainda os objectos de adorno (elementos de colar) obtidos a partir das mais distintas rochas e minerais. Estas comunidades, muito preocupadas com a vida para além da morte, construíam grandes monumentos funerários que, no nosso imaginário, tomámos por quatro pedras ao alto com uma laje por cima. Na verdade, estes túmulos eram estruturas bem mais complexas, com funções específicas e áreas bem definidas, que, para as comunidades Neolíticas, mais não eram que autênticos templos, onde se idolatrava o culto dos "divinos" antepassados. Aqui se depositavam os corpos ou restos ósseos de um número restrito de indivíduos. À maioria reservavam-se os abrigos rochosos, as fossas abertas no solo ou a simples exposição.



O MEGALITISMO

Para melhor compreendermos os dólmenes de Oliveira do Hospital é importante perceber que estes se encontram integrados dentro de um fenómeno religioso e cultural denominado por Megalitismo, o qual se começou a desenvolver por toda a Europa Ocidental a partir do Vº milénio a.C., abrangando um período cronológico designado por Neolítico Final. Ao descodificarmos os termos “mega” (grande) e “lithos” (pedras), facilmente entendemos a relação entre este e as grandes obras arquitectónicas que são os dólmenes, também conhecidos por antas.

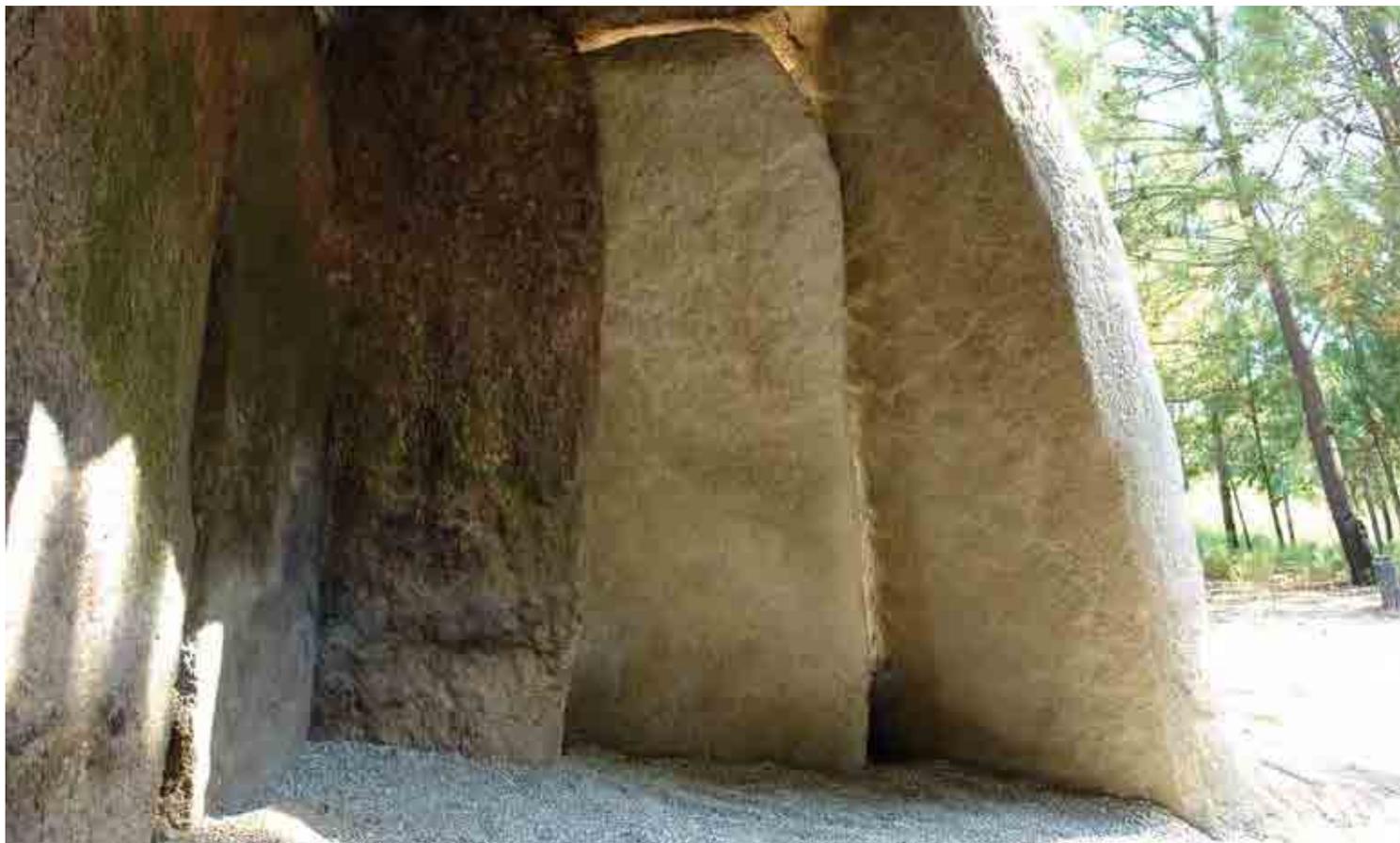
Ainda que dentro desta arquitectura da pedra possamos encontrar outro tipo de monumentos com funcionalidades e tipologias distintas, são as popularmente conhecidas antas que maior expressão têm na fachada atlântica, nomeadamente no território que hoje administrativamente pertence a Portugal. Tratam-se de sepulturas colectivas reservadas à deposição e perpetuação de um restrito número de indivíduos que, pela sua prestação durante a vida no seio da sua comunidade, mereceram um estatuto privilegiado.

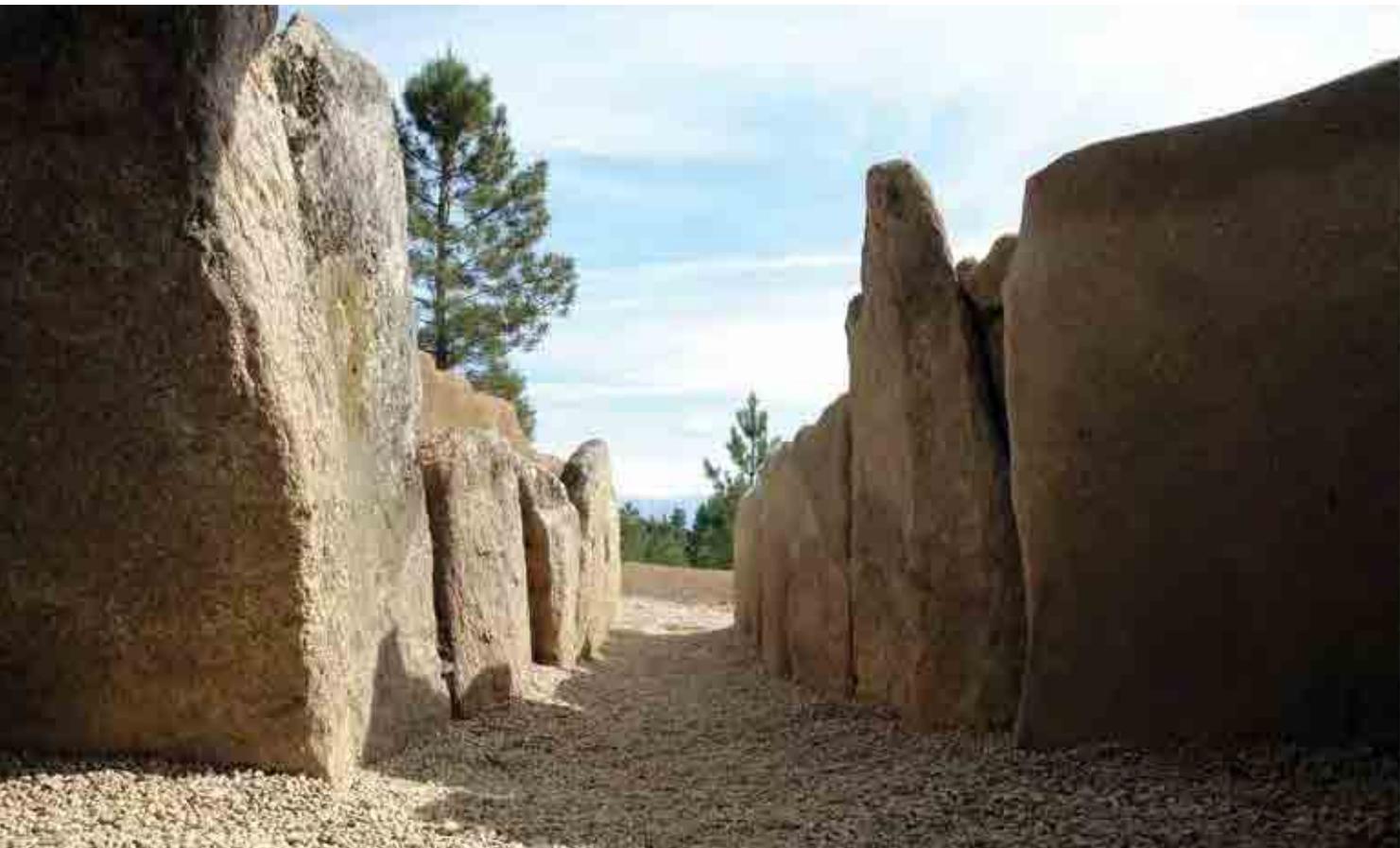
Entre estas, ainda que apresentando funções idênticas, podemos encontrar vários tipos de monumentos: os dólmenes de câmara simples

(abertos ou fechados), os dólmenes de corredor (curtos, médios ou alongados) e os chamados dólmenes de vestíbulo, simplesmente providos de uma câmara à qual se acedia por um pequeno e baixo corredor.

No concelho de Oliveira do Hospital encontram-se de momento identificados quatro destes monumentos (Sobreda, Seixo da Beira, Cavada e Bobadela), embora existam vestígios ou referências a outros, infelizmente já destruídos ou muito arruinados. Uma anta é, na sua generalidade, constituída por três estruturas distintas do ponto de vista funcional. A câmara e o corredor, áreas mais internas destinadas à deposição dos defuntos, são erigidas com grandes pedras (esteios ou monólitos) colocadas em posição sub-vertical, apoiadas na pedra basilar de toda a construção - o esteio de cabeceira -, distinguindo-se pela sua grande dimensão. Na maioria dos casos o espaço da câmara destaca-se do corredor quer em planta, normalmente de contornos poligonais, quer em alçado, com monólitos de maiores dimensões. Ambos são cobertos por lajes, sendo que a pedra que cobre a câmara, normalmente designada por chapéu ou laje de cobertura, impressiona pelas dimensões que ostenta, pesando muitas das vezes mais de uma dezena de toneladas.









Esta impressionante obra arquitectónica era envolta por um enorme volume de terra e pedras que, num momento final, adquiria a forma mamilar. Daí resultando a denominação popular de mamoã. À saída do corredor, muitas vezes precedido de uma pequena passagem a descoberto (corredor intratumular), desenvolvia-se um outro espaço - o "átrio" -, destinado à realização de determinados rituais fúnebres. Tratava-se de um lugar extremamente simbólico, definindo a barreira sagrada entre esta vida e a outra para além da morte. Em contraste, a cripta fúnebre era sempre um lugar escuro, fechado, ostentando uma profunda mística sagrada, secreta e muito respeitada. Era o local onde o indivíduo depois de uma vida em plena consonância com o território envolvente, voltava ao seio da terra, ao mundo dos defuntos. A sacralização deste espaço era muitas vezes expressa por um conjunto de manifestações artísticas, traduzidas por gravuras ou pinturas nos esteios da câmara e corredor. As pinturas a vermelho, preto ou branco eram feitas com recurso a corantes de origem vegetal, animal ou mineral, enquanto a gravura era feita por fricção de pedra dura com ponta romba. Os motivos representados, de ordem semi-naturalista ou esquemática, são genericamente abstractos, contando uma história cuja interpretação se perdeu nos confins do Tempo. Hoje apenas se conservam linhas direitas, serpentiniformes ou em zigzagues, algumas vezes segmentando um espaço onde

podemos observar esquemáticas figuras antropomórficas, zoomórficas ou vegetalistas. Representações artísticas cujo verdadeiro significado é difícil de precisar adornando um espaço para sempre sacralizado. O local para a implantação deste tipo de monumentos resultava de uma aturada procura. Tratando-se de espaços sagrados, onde a memória dos antepassados era respeitada e perpetuada, careciam de uma posição estratégica dentro do território explorado, lembrando aos membros do grupo e aos que vinham de fora a presença de uma identidade sacralizada fisicamente nestes imponentes monumentos. Pequenas colinas localizadas em zonas planálticas, muitas vezes em limites geográficos sobranceiros a rios e vales ou no centro de territórios bem definidos com um amplo campo de visão, eram os sítios preferidos. Os monumentos megalíticos surgem-nos isolados, como parece ser o caso dos dólmenes de Oliveira do Hospital, ou associados em necrópoles que podem estender-se ao longo de um território considerável. Por vezes dois ou mais monumentos encontram-se localizados a poucos metros de distância. Após uma utilização, que não iria para além de poucas dezenas de anos, este tipo de sepultura era encerrada, sendo as suas áreas de acesso seladas por terra e pedras. Por vezes, largas centenas de anos depois, eram novamente reutilizados por outras gentes que nada tinham a ver com os primitivos construtores.

O DÓLMEN DO SEIXO DA BEIRA

O Dólmen do Seixo da Beira, conhecido localmente como Arcainha, é uma sepultura pré-histórica construída há cerca de 6.000 anos, localizando-se a sensivelmente 1850 metros para sul da aldeia com o mesmo nome, próximo de um complexo de afloramentos graníticos, quase no topo de uma encosta suave sobranceira a uma ribeira afluente do rio Seia.

As diversas intervenções e violações a que o dólmen foi sujeito nos dois últimos séculos, sem que merecesse qualquer acção de conservação e restauro, fez com que o mesmo entrasse num processo de acentuada degradação, chegando aos dias de hoje muito arruinado e descaracterizado, com algumas das suas estruturas tombadas, fragmentadas ou mesmo espoliadas.

Trata-se de um dos maiores monumentos do género ainda preservados em toda a região Centro e Norte de Portugal, sendo composto por uma câmara coberta por uma grande laje pesando cerca de 15 toneladas, à qual se acedia através de um corredor originalmente também coberto por lajes dispostas na horizontal. A entrada era fechada por uma outra pedra funcionando como uma porta, a qual seria arredada aquando da necessidade de

uma nova deposição. Estas estruturas internas, onde eram colocados os inumados, a par de outras mais complexas possibilitando por exemplo o acesso ao interior do sepulcro, apresentavam-se imersas num enorme montículo artificial de terra e pedras (mamoas), presumivelmente deixando apenas visível a monumental laje de cobertura do espaço da câmara. O passar do tempo, a compactidade dos sedimentos, a erosão e a acção destruidora humana contribuíram para que este montículo se espraiasse e perdesse a sua monumentalidade.

O monumento foi erigido durante o Neolítico Final, tendo nesta fase recebido a deposição de um reduzido número de indivíduos ao longo de um curto período de utilização, findo o qual terá sido encerrado. Posteriormente, cerca de um milénio depois, ter-se-á verificado uma reutilização por outras gentes e por novos inumados, comunidades que nada tinham a ver com os primitivos construtores do monumento.

No decorrer dos recentes trabalhos de escavação, foi possível verificar que num primeiro momento de utilização terão sido depositados no interior do dólmen toda uma variada gama de objectos

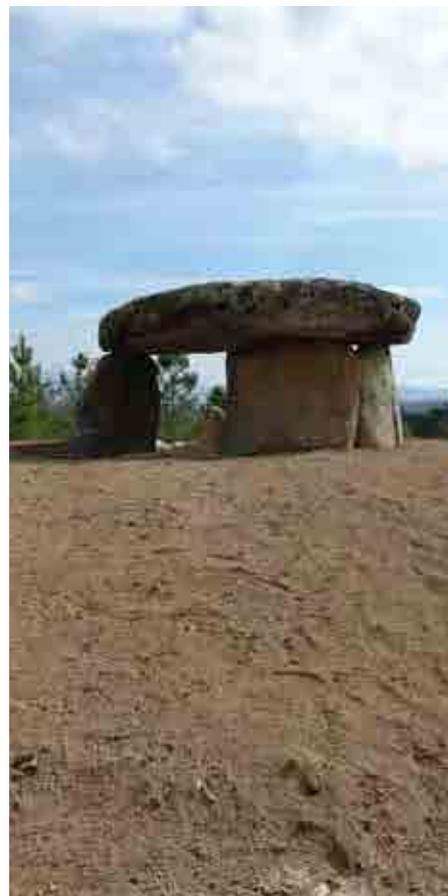
pertencentes ao enxoval fúnebre, destacando-se a presença de micrólitos, lâminas e pontas de seta, em sílex, alguns utensílios em pedra polida e vasos cerâmicos de formas globular ou em calote. Aquando da sua reutilização, os inumados eram acompanhados por pontas de seta mais evolucionadas e sobretudo por recipientes cerâmicos providos de decorações muito específicas, comumente denominados por campaniformes.

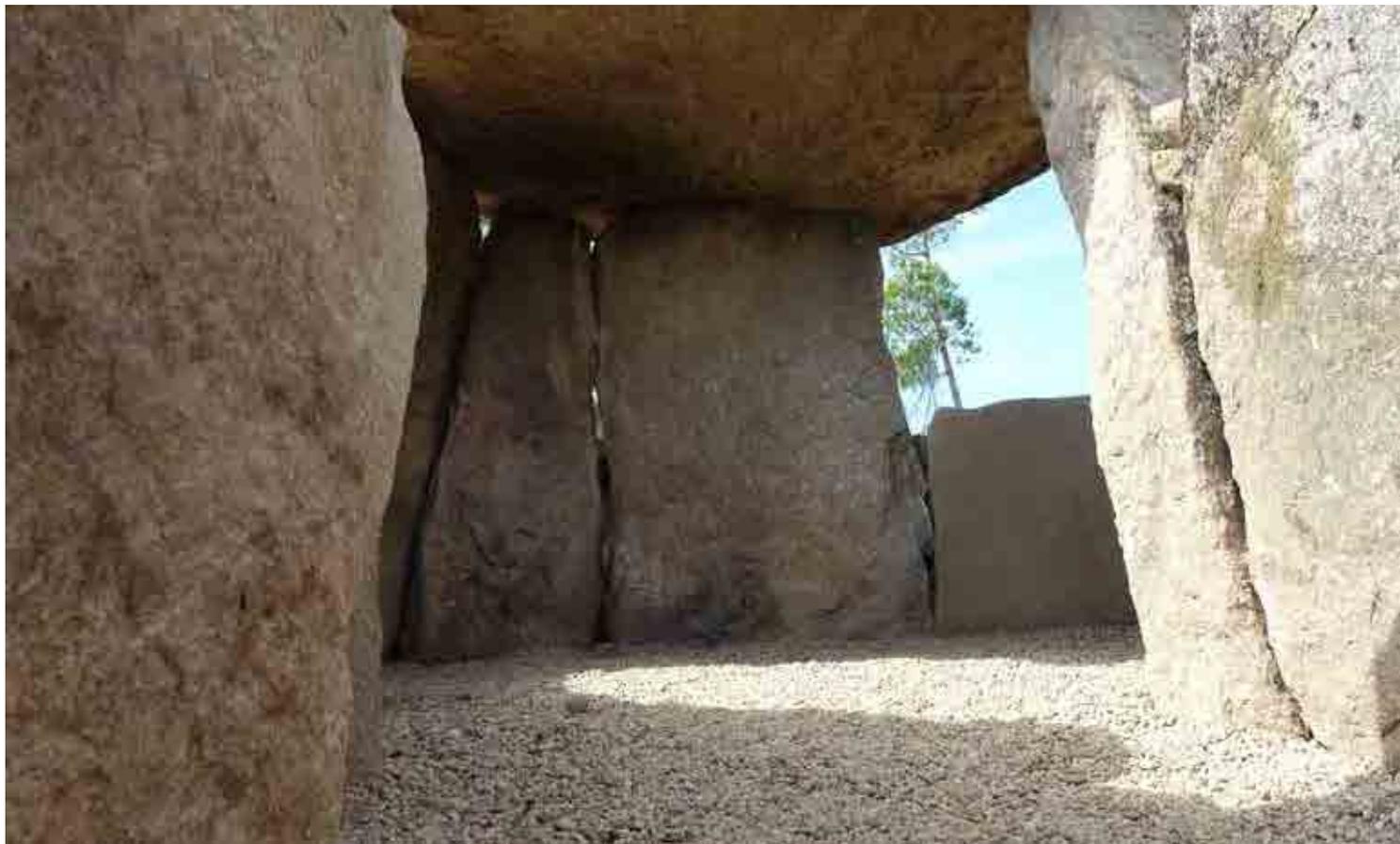
Não obstante o adiantado estado de degradação do monumento, foi possível a sua estabilização e restauro, culminando, nos dias de hoje, numa visão muito próxima daquela que ostentaria em plena utilização funerária há cerca de 6.000 anos. Com efeito, reposicionou-se a pesada laje de cobertura, a qual se apresentava muito inclinada, assim como alguns dos monólitos da câmara e do corredor, parcialmente tombados, fracturados ou fragmentados. De igual modo se procedeu à reprodução parcial ou total dos esteios em falta, bem como ao alteamento da colina artificial envolvente.











O DÓLMEN DA SOBREDA

O Dólmen da Sobreda, também conhecido por Curral dos Mouros, aproveita uma elevação natural do terreno para mais se destacar na paisagem circundante, distando cerca de 3 km para NE do Dólmen do Seixo da Beira.

Trata-se de uma outra sepultura pré-histórica de grandes dimensões, já desprovida da totalidade das lajes que originalmente cobriam toda a estrutura interna, merecendo particular destaque a disposição, pouco comum, dos monólitos da câmara, propiciando um espaço de planta tendencialmente subcircular, presumivelmente lajeado, ao qual se acedia através de um extenso e largo corredor. Num dos esteios da câmara, e por finais do século XIX, observavam-se ainda vestígios de pinturas a vermelho.

Pese embora as marcas deixadas pelas diversas intervenções e violações a que foi sujeito ao longo dos tempos, com particular destaque, há algumas dezenas de anos atrás, para a espoliação, desbaste e aproveitamento da enorme laje de

cobertura como base de lareira de uma casa da aldeia de Sobreda, mantém-se ainda em bom estado de conservação, justificando, num futuro próximo, a merecida escavação, estabilização e restauro das suas majestosas estruturas.

À semelhança do Dólmen de Seixo da Beira, também este terá sido erigido há cerca de 6.000 anos, tendo-se aí depositado um reduzido número de indivíduos os quais se fariam acompanhar por um abundante e diversificado conjunto de materiais líticos (quase centena e meia de pontas de seta), cerâmicos (cerca de meio milhar de recipientes, alguns dos quais decorados) e até de madeira ou osso, estes últimos facilmente degradáveis pela forte acidez dos solos e de difícil percepção no registo arqueológico. Após um curto período de utilização, terá sido encerrado, sendo que ao longo dos dois milénios seguintes foi sendo alvo de deposições pontuais por parte de outras comunidades que já nada tinham a ver com as que, há muito tempo, haviam construído esta sepultura.





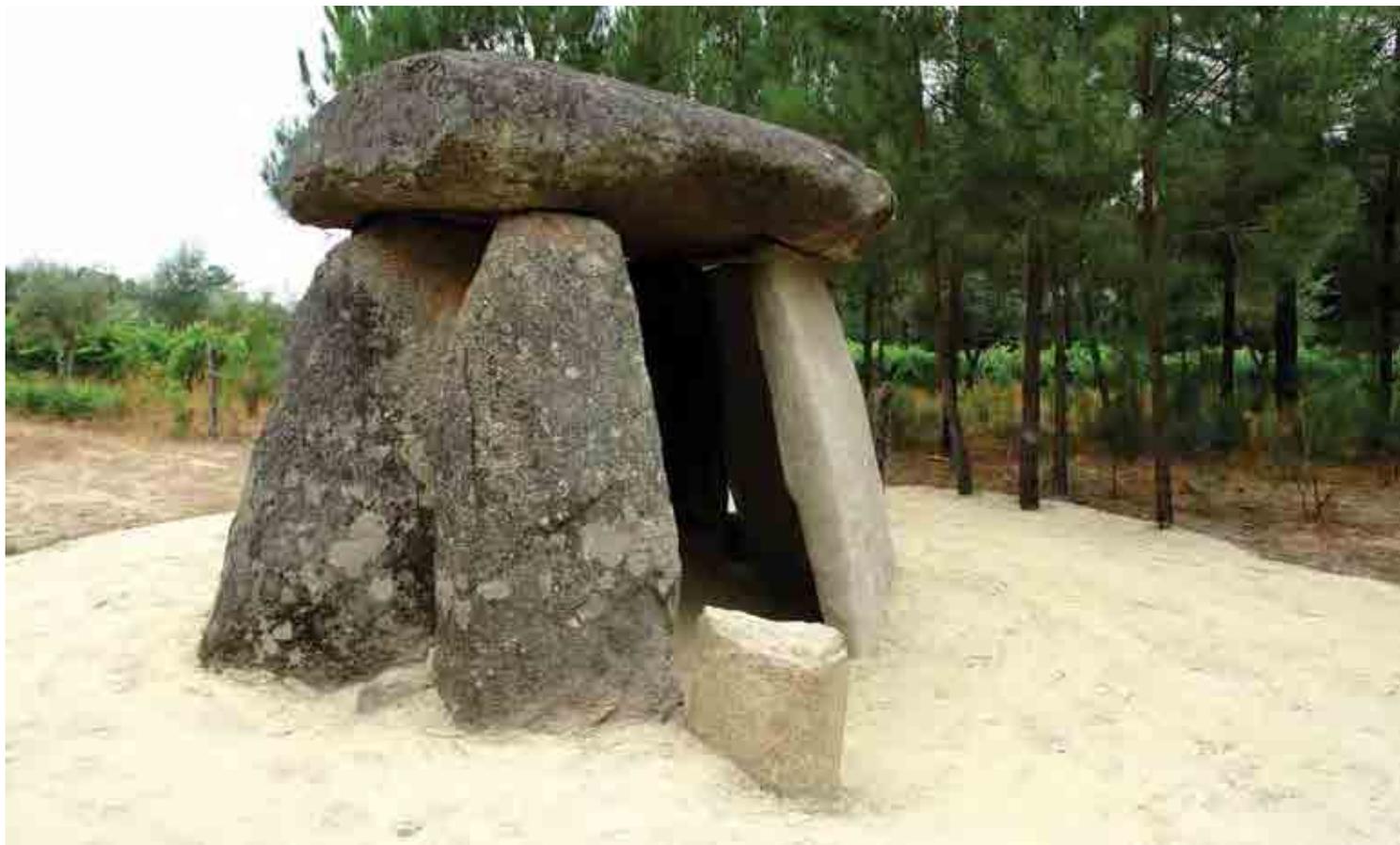
A ANTA DA CAVADA

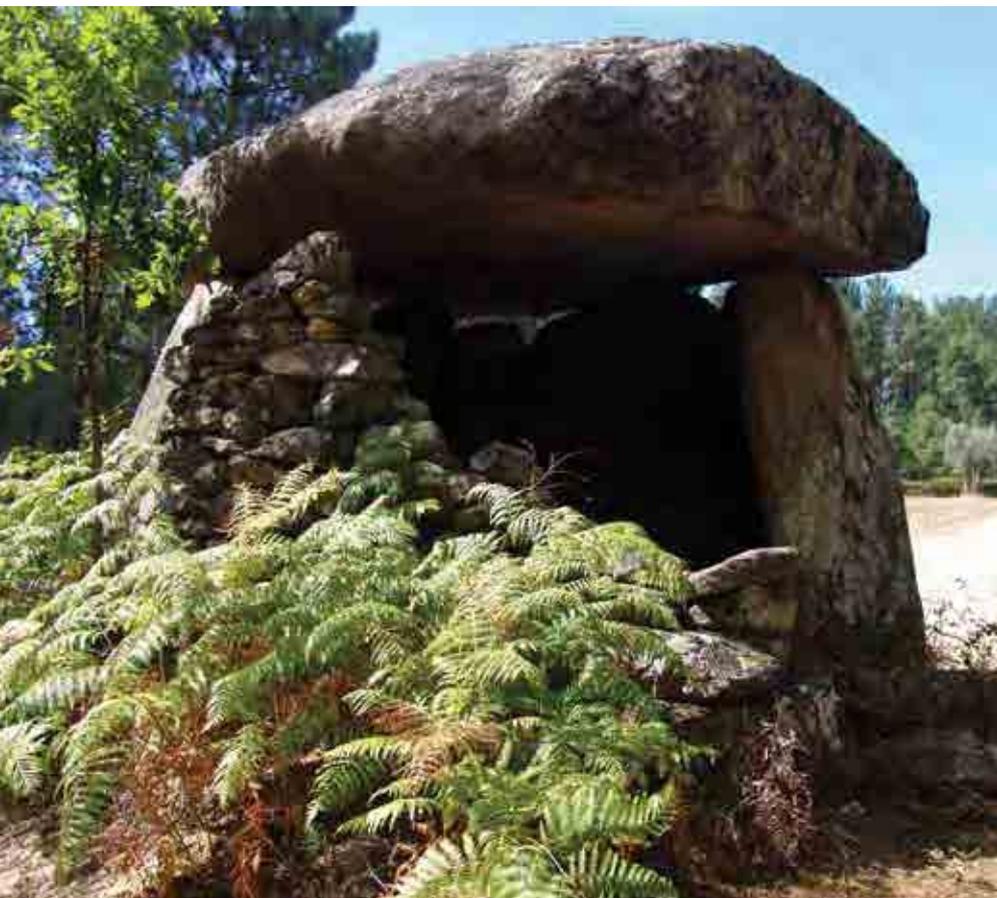
A Anta da Cavada, também conhecida por Fiais do Ervedal, implanta-se no limite sul de uma pequena plataforma, sobranceira à margem direita do rio Seia. Não obstante a sua beleza e monumentalidade, apresentava-se em acentuado estado de degradação e bastante descaracterizado, já desprovido de montículo artificial envolvente e sem corredor de acesso. A entrada da câmara, espoliada dos dois primeiros monólitos, encontrava-se parcialmente fechada por um muro em pedra seca que, em tempos recentes, aqui terá sido colocado propiciando abrigo ao agricultor ou pastor local. Trata-se de mais uma sepultura pré-histórica com cerca de 6.000 anos, sendo composta por uma câmara de planta tendencialmente sub-rectangular alargada de nove esteios, coberta por uma enorme laje de cobertura, à qual se acedia por um corredor pétreo, presentemente apenas

testemunhado por um fragmento de um dos seus monólitos.

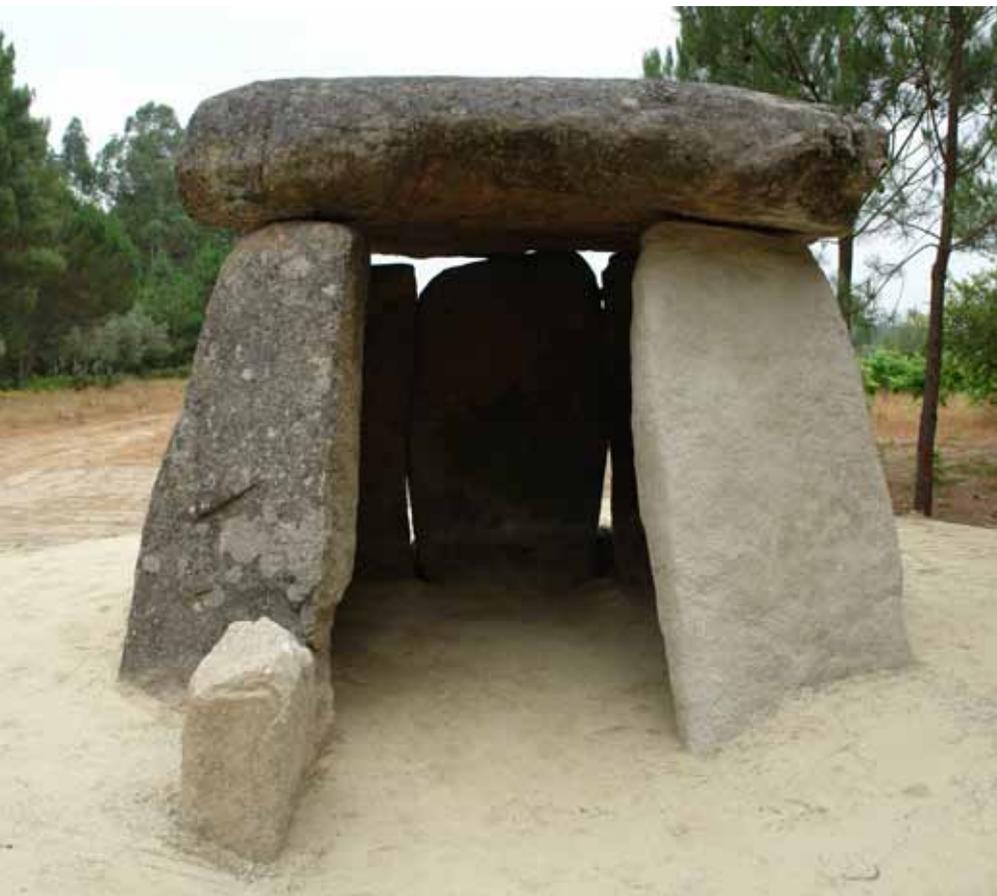
Curiosamente este monumento manteve-se desconhecido da comunidade científica, nunca tendo sofrido qualquer intervenção arqueológica. Os trabalhos de escavação e restauro recentemente desenvolvidos, além da estabilização das estruturas e da reprodução dos dois esteios que fechavam o espaço da câmara pelo lado Norte, propiciaram a informação de que o monumento foi alvo de duas fases de ocupação, sendo que da primeira, há cerca de 6.000 anos, foram recuperados, a par de um razoável número de fragmentos de vasos cerâmicos, alguns artefactos líticos com particular destaque para pontas de seta, micrólitos e contas de colar em pedra verde. Alguns fragmentos de cerâmica manual decorada indiciam a reutilização do espaço cerca de um a dois milénios depois.

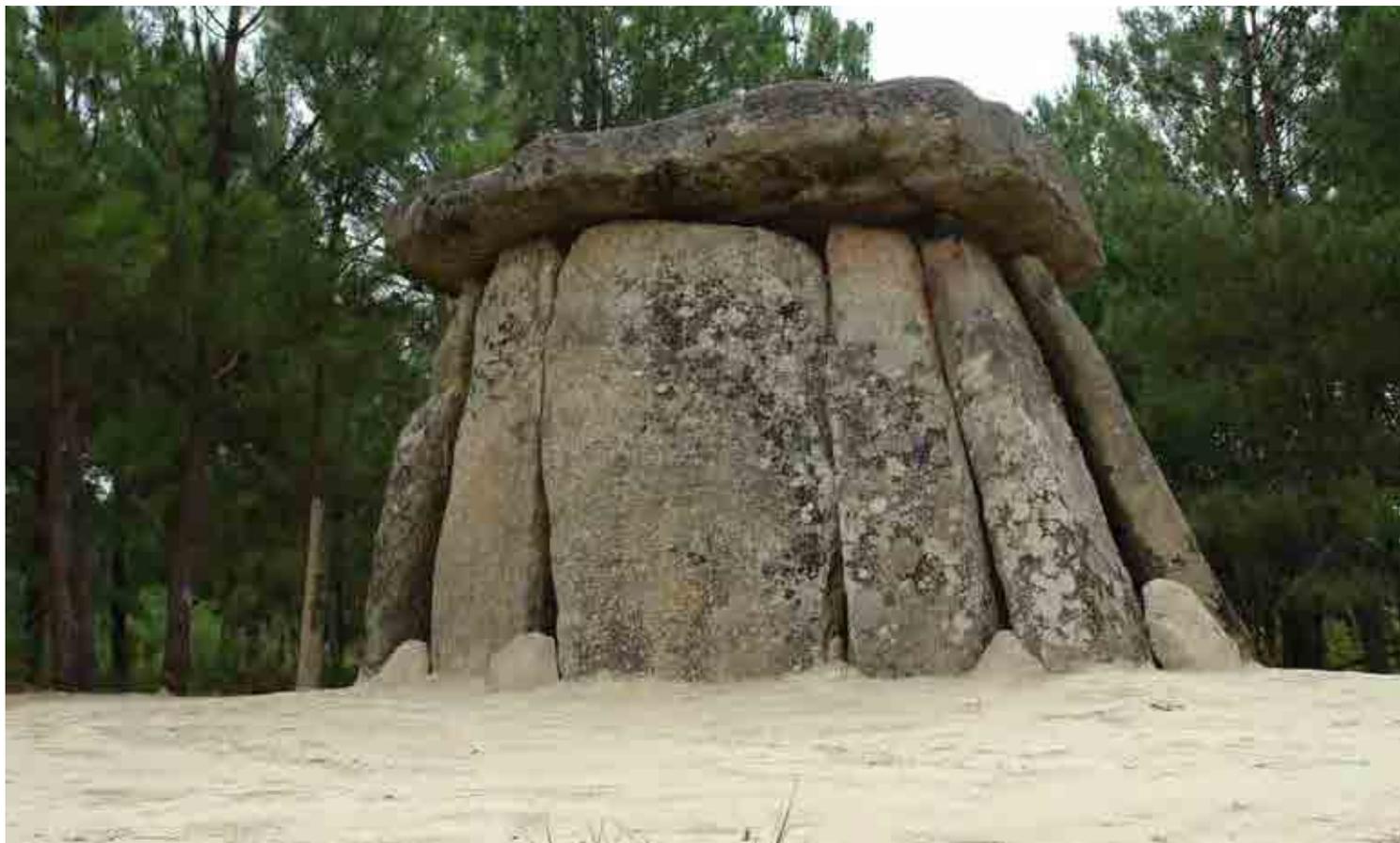












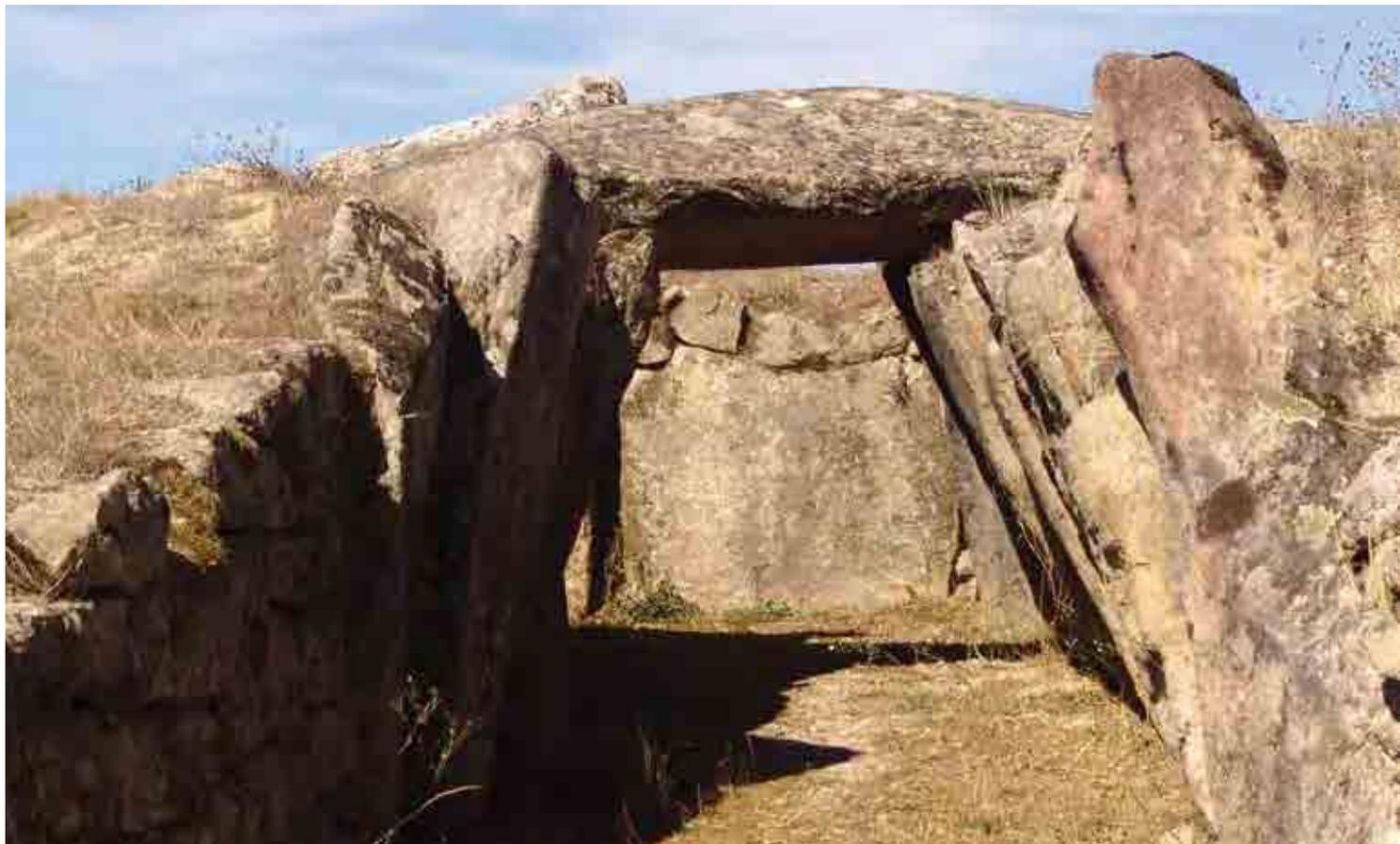
O DÓLMEN DE BOBADELA

O Dólmen de Bobadela, igualmente denominado por Anta do Pinheiro dos Abraços ou Pinhal da Coitena, encontra-se implantado à entrada da povoação de Bobadela, ladeando a Estrada Municipal 230-6 que liga a Oliveira do Hospital, tendo sido alvo de trabalhos de escavação e restauro nas décadas dos anos 60 e 80 do século passado.

À semelhança dos anteriores, também este monumento, já desprovido da quase totalidade das lajes que originalmente cobririam toda a sua estrutura interna, é composto por um montículo artificial, em terra e pedras, encerrando uma câmara poligonal alargada com oito esteios e um longo corredor de acesso com sete metros de extensão.

De igual modo terá sido construído há cerca de 6.000 anos, tendo-se aí depositado um reduzido número de indivíduos acompanhados por um abundante e diversificado conjunto de materiais líticos (quase uma centena de pontas de seta, vinte e duas lâminas e outros tantos micrólitos, nove enxós e três machados, bem como trinta e uma contas de colar) e cerâmicos (cerca de meia centena de recipientes, alguns dos quais decorados). Após um curto período de utilização, quiçá de algumas dezenas de anos, terá sido encerrado, sendo reutilizado largas centenas de anos depois. A comprová-lo estão alguns fragmentos de cerâmica manual lisa ou decorada, assim como uma ponta de seta em cobre.









BIBLIOGRAFIA

FERREIRA, A.B. (1978), Planalto e Montanhas do Norte da Beira. Estudo da geomorfologia, "Memórias do Centro de Estudos Geográficos", nº 4, Lisboa.

LEISNER, V. (1998), Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Der Westen, Instituto Arqueológico Alemão, Delegação de Madrid, Berlin/New York.

MOITA, I. (1966), Características Predominantes do Grupo Dolménico da Beira Alta, "Ethnos", 5, Lisboa, pp. 189-277.

ROCHA, A. S. (1899), As Arcainhas do Seixo e de Sobreda, "Portugália", 1, Porto, pp. 13-22.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1982), Materiais Campaniformes do Concelho de Oliveira do Hospital, "Clio", 4, Lisboa, pp. 19-34.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989), Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego, Lisboa, 3 vols. (dissertação de doutoramento apresentada à FLUL, policopiada).

TWOHIG, E. S. (1981), The Megalithic Art of Western Europe, Oxford, Clarendon Press.

FICHA TÉCNICA

Título Monumentos Megalíticos de Oliveira do Hospital – Crença na Eternidade

Promotor Câmara Municipal de Oliveira do Hospital

Projecto de arquitectura Carlos Dias Coelho (coordenação), Sérgio Fernandes, Sérgio Proença, João Leite e Sílvia Rala (design de equipamento)

Entidade executora Arqueohoje, Ld^a

Arqueologia, conservação e restauro João Miguel André Perpétuo e Joaquim Garcia

Textos João Miguel André Perpétuo, Joaquim Garcia e Luís Filipe Coutinho Gomes

Coordenação e créditos fotográficos Arqueohoje, Ld^a

Acompanhamento de projecto gráfico Arqueohoje e Paulo Celso Fernandes Monteiro

Projecto e concepção gráfica David Duarte Design

Execução gráfica Rainho & Neves, Ld^a

Tiragem 2.500 exemplares

Editor Câmara Municipal de Oliveira do Hospital / Arqueohoje, Ld^a

2009 Arqueohoje, Ld^a



Bobadela, vestígios romanos



arque@araje
www.araje.es

